

RELAÇÕES ENTRE BRASIL E FRANÇA, NO PERÍODO DE 1822 A 1889

Carolina Camargo de Lacerda

Ricardo Salini Abrahão

Thais Aranhã Bastos

Acadêmicos de Relações Internacionais,
Faculdades Integradas Curitiba

SUMÁRIO: 1 Introdução. 2 Visão inicial. 3 Primeiro Reinado. 4 Período Regencial. 5 Segundo Reinado. 6 História das relações comerciais entre Brasil e França. 7 Personalidades francesas. 8 Conflitos territoriais. 9 Entrelaçamento das culturas. 10 Conclusão. Bibliografia.

1 INTRODUÇÃO

As idéias da Revolução Francesa causaram impactos profundos no sistema até então vigente. A burguesia foi elevada ao poder e o absolutismo foi abolido assim como o que restava das instituições medievais.

Neste trabalho será mostrado um pouco da extensão das relações entre Brasil e França e da presença francesa na política, nas instituições culturais e até mesmo na história brasileira.

É de vital importância estudarmos o início dessas relações diplomáticas e culturais para entendermos a intensidade da influência francesa no Brasil, sendo a história o principal instrumento utilizado para este estudo.

Apesar de ser um assunto de grande relevância, constata-se significativa escassez de livros que tratem do assunto. Como fonte principal para a elaboração deste trabalho, foi utilizado o livro *Brasil-França ao longo de 5 séculos*, de Tavares. Em seu livro, o autor nos mostra a história comum desses dois países durante um longo período de tempo, salientando a clara influência da França nos assuntos nacionais brasileiros. Trataremos do período que vai da Independência do Brasil até a Proclamação da República.

2 VISÃO INICIAL

2.1 Vínculos que ligam a história da França e do Brasil desde o período colonial

O Brasil acabara de ser descoberto, e a França vivia numa época brilhante de renovação literária, artística e científica. Era o Renascimento.

Os portugueses colonizaram o Brasil, e com eles vieram os primeiros franceses.¹

Os primeiros contatos entre franceses e indígenas ocorreram em função do mútuo interesse pelo comércio do tão cobiçado pau-brasil.² Esse comércio aconteceu de maneira informal, e o porto de Honfleur³, na França, foi o responsável pelas primeiras entradas de pau-brasil em território francês.

Os franceses se voltaram para o Brasil logo após a descoberta da nova terra. As relações entre os dois povos teve início a partir desse momento e perdura até a atualidade.

2.2 Exploração do pau-brasil

O pau-brasil foi a riqueza brasileira que mais trouxe rivalidade e atração entre os povos conquistadores. Era um produto que pintava as vestes da pompa eclesiástica, dava qualidade a móveis de alta categoria, sustentava orçamentos públicos e dava o seu próprio nome à terra, além de, em pleno período de expansão da navegação, construir navios que se tornavam mais duros e resistentes quando colocados na água. Os paus-de-tinta, como eram denominados, custavam caro na França.

O rei de Portugal não admitia a navegação de outras bandeiras em mares que lhe pertenciam e da mesma forma não permitia a exploração de riquezas de um país que estava sob seu domínio. No entanto, isso jamais se tornou um empecilho para a entrada dos franceses no Brasil, pois eles não respeitavam o monopólio português sobre as colônias.

Os franceses estavam preocupados em comercializar o pau-brasil e, ao contrário dos portugueses que utilizavam os índios como mão de obra na exploração do território, eles preferiam utilizá-los como aliados, procurando estabelecer outro tipo de relação, principalmente comercial feita por troca de interesses.

A primeira grande expedição ao Brasil com o objetivo de explorar o pau-brasil foi a de Binot Paulmier de Gonneville, quando os franceses tentaram fundar aqui uma colônia.⁴

3 PRIMEIRO REINADO

3.1 Um Brasil independente

Desde o descobrimento do Brasil até a conquista de tornar-se uma nação independente, os franceses é que estavam voltados para o Brasil. Eles exportavam sua cultura, seus artistas, cientistas, homens de imprensa, seus modelos de vida social, enfim muitas informações que tiveram uma grande influência sobre a cultura brasileira.

¹ *Denúncias de Pernambuco*, 1929, p. 315.

² Gilberto Freyre fala a respeito deste contrabando em seu livro *Um engenheiro francês no Brasil* (p. 21). Lyra A de Tavares comenta sobre esta terra sem dono, em seu livro *Brasil-França ao longo de 5 séculos*.

³ TAVARES, 1979, p. 28.

⁴ Conforme relata A. de Lyra Tavares em seu livro *Brasil-França ao longo de 5 séculos*, por meio de Binot Paulmier de Gonneville, ocorreu a primeira grande expedição francesa no Brasil, com o objetivo de fundar aqui uma colônia que se manteve por dez anos, de 1555 até 1565, quando foi abatida pelos portugueses.

Podemos tomar como exemplo dessa influência, o conjunto de idéias de liberdade, igualdade e fraternidade que corriam pela França e iriam mais tarde ajudar no processo de Independência do Brasil que se deu no intervalo entre a Revolução Francesa e a era napoleônica.

As idéias liberais, que levaram o povo francês à Revolução de 1789, repercutiram enormemente no Brasil, como, por exemplo, na Revolução Praieira de Pernambuco e, antes disso, na frustrada Inconfidência Mineira e em outros movimentos de intensidade menor.

A Independência viria com o Império e foi resultado da transferência da Corte portuguesa para o Brasil, por causa da invasão napoleônica em Portugal e da crise da sucessão portuguesa, que colocou a autoridade real de D. João VI em perigo. O território de Portugal sofreria a invasão de três tropas francesas, a de Junot, que entrou em Lisboa sem deparar-se com resistência, uma vez que o governo português já havia embarcado para o Rio de Janeiro; a de Soult, que penetraria pelo norte no território lusitano; e a de Massena, na qual a marcha, composta de oitenta mil homens, foi detida pelas fortificações de Torres Vedra.

Depois da Independência, o Brasil se voltou para a França. Enquanto os ingleses dominavam o comércio de produtos, como sapatos, tecidos e ferramentas, os franceses nos vendiam artigos requintados, como chapéus, jóias, leques, perfumes, livros da moda... As relações que se identificaram durante séculos de história comum, a partir desse momento tomam um novo rumo, e passam para o plano de relações entre Estados soberanos.

3.2 D. Pedro I

D. Pedro I reinava no Brasil na época em que explodiu na França a Revolução de Julho de 1830, fazendo com que Luís Filipe fosse coroado rei da França com o nome de Luís Felipe I. Este escreveu ao monarca brasileiro quase imediatamente após a sua coroação com o intuito de estabelecer relações diplomáticas amigáveis entre os dois países.

Conforme relata TAVARES⁵, o Rei Luís Filipe, depois de ascender ao trono da França não tardou em manifestar, em carta dirigida a D. Pedro I, a sua amizade e seu interesse de estreitar as relações do governo da França com o governo do Brasil.

Meu irmão e primo (era o tratamento da época): Certos acontecimentos, como sabeis, tinham perturbado a paz interna da França e pareciam ameaçá-la de maiores calamidades. Convocado pelo voto das duas Câmaras, com o assentimento geral da Nação, eu aceitei o trono, com o título de rei dos franceses. Meus sentimentos pessoais são bem conhecidos de Vossa Majestade para que me seja necessário recapitular todas as minhas provações nessa conjuntura. Sofri com as desgraças dos meus antecessores de família: minha única ambição teria sido a de enviá-las e ficar onde a Providência me havia colocado. Mas as circunstâncias eram imperativas. Tive que enfrentá-las: a menor hesitação da minha parte poderia mergulhar o reino em desordens de termo imprevisível, capazes de comprometer essa paz indispensável à felicidade de todos os Estados. Em circunstâncias tão graves, minha primeira necessidade é assegurar a Vossa Majestade a firme resolução em que me encontro de nada omitir para fortalecer e estreitar os laços de amizade e de boa harmonia que existem entre os dois países.

⁵ *Op. cit.*, p.190.

Tenho razões para esperar que Vossa Majestade comungará com minhas disposições e me ajudará a atingir esse fim, tão importante para a tranqüilidade do mundo.
Aproveito com solitude esta oportunidade para exprimir a Vossa Majestade a segurança da alta estima e inalterável amizade com que sou, o bom irmão e primo,

Luís Filipe

Paris, 22 de agosto de 1830

Menos de um ano depois, no dia 7 de abril de 1831, D. Pedro I abdicou⁶, tornando-se, então, duque de Bragança. D. Pedro I, mesmo depois de abdicar, era uma figura importante no cenário internacional, e não convinha à França que ele fosse à Inglaterra. Assim, Sebastiani, ministro francês dos Negócios Exteriores, solicitou a Talleyrand todo o seu empenho para que D. Pedro I fosse a Paris. No mesmo mês de abril, ele embarcou na fragata Volage para Cherburgo, aonde chegou, em 12 de junho de 1831, seguindo logo após para Paris com o intuito de encontrar-se com a filha bastarda que teve com a famosa Marquesa de Santos, legitimada sob o nome de Isabel Maria de Alcântara Brasileira, a duquesa de Goiás, e preparar a luta contra D. Miguel, em Portugal.

Já em Paris, em setembro de 1831, Luís Filipe, para receber D. Pedro I como hóspede especial, mandou preparar o Castelo de Meudon. Nessa época, um dos assuntos mais em foco na França era o problema da sucessão portuguesa, o que justificava a atenção provocada pela presença do ex-imperador do Brasil, filho de D. João VI e herdeiro direto da Coroa de Portugal. Além de estar interessado na sua ação em Portugal, Luís Filipe era o sogro da filha do então duque de Bragança, Francisca, agora princesa de Joinville.

D. Pedro organizava em Paris a intervenção militar em Portugal e tentava reunir forças para enfrentar a luta contra seu irmão D. Miguel. Aproveitou sua estada em Meudon para receber visitas importantes, passear em Paris e freqüentar teatros sempre na presença de Dona Amélia e de sua filha bastarda, a duquesa de Goiás, o que despertava grande curiosidade por parte dos franceses.

Enfim as forças de D. Miguel foram sitiadas na região do Porto e os esforços de D. Pedro foram coroados com sucesso, pois sua filha ascendeu ao trono português, como D. Maria II.

3.3 Brasil e França, países de exílio um para o outro

Segundo Tavares, os cinco séculos das relações históricas entre Brasil e França nos mostram que se tornou um costume o Brasil servir de refúgio ou de exílio para a França e vice-versa. Tais situações facultaram um maior entrelaçamento socio-cultural entre esses dois povos.

Como prova desse tipo de relação, temos a expedição de Villegaignon, patrocinada por Coligny, cujo objetivo era instalar no Novo Mundo um refúgio para os adeptos da Reforma Religiosa de Calvino⁷. Com esse episódio o Brasil se tornou terra de exílio, que além de acolhedora, era favorável à divulgação dos credos e das idéias defendidas.

No período em que Napoleão foi derrotado na Batalha de Waterloo, pelos ingleses, e que foi exilado em Santa Helena, o Brasil acolheu em grande número, tanto franceses

⁶ Abdicação de D. Pedro I se deu após a revolta no Rio de Janeiro, provocada pela nomeação do Ministério dos Marqueses, impopular e acusado de tendências absolutistas e favorável a Portugal.

⁷ A partir de 1555 a presença dos franceses tornou-se efetiva e marcante, uma mostra disso foi a expedição colonizadora em Guanabara, comandada pelo vice-almirante, da Bretanha, Nicolas

adversários como amigos de Napoleão. Estes organizaram um plano para libertá-lo, cuja expedição tinha bases nos Estados Unidos e no Nordeste brasileiro.

Outro caso foi o exílio de Dirk van Hogendorp, que nasceu na Holanda e havia sido o mais notável e direto servidor de Napoleão, assim como outros franceses que vieram para o Brasil a fim de viver na quietude modesta e nobre da chácara do sopé do Corcovado, no Rio de Janeiro.

Como a França servindo de exílio para o Brasil, temos que citar o exemplo dos irmãos Andradas na cidade de Bordeaux.⁸

3.4 José Bonifácio

O desejo pela liberdade fez com que o Brasil fosse conduzido à realização de sua independência. Esse desejo veio de 3 pólos: o primeiro foi Paris, que era o centro difusor de idéias liberais e ponto de negociação com os poderes monárquicos da Santa Aliança, além de ser o centro de cultura, de manifestações artísticas, de costumes e da moda; o segundo era Lisboa, a capital da Metrópole portuguesa; o terceiro ficava no Rio de Janeiro que, além de ser a capital do País, tinha grandes influências francesas desde que a corte de D. João VI se instalou ali em 1808. Por essa razão, era principalmente nessa cidade que se encontrava o povo brasileiro desejoso por liberdade.

O processo de independência do Brasil teve como bases os valores da cultura francesa, trazidas por D. João VI em 1808. O paulista José Bonifácio de Andrada e Silva, o *Patriarca da Independência* brasileira, foi politicamente influenciado pelos franceses. José Bonifácio embora não tivesse nenhum compromisso com a Revolução Francesa, teve contato direto com ela, podendo até acompanhar as manifestações do povo, o que foi de grande importância na sua formação de estadista. Em 1790, ele foi aluno e admirador de dois cientistas franceses amigos de Robespierre: Fourcroy e Chaptal.

José Bonifácio era um cientista brilhante, diplomado em Direito pela Universidade de Coimbra e voltado para os estudos das ciências exatas. Sua atuação foi decisiva na formação do Império do Brasil, pois nas lutas pela preparação da Independência assegurou a unidade de espírito e do território brasileiro. Por ser uma obra difícil e

Durand de Villegaignon. Queriam estabelecer uma França Antártica para servir de centro e de refúgio aos reformadores de Calvino, vítimas de perseguições e da intolerância dos católicos.

⁸ O Brasil ainda era governado pelo príncipe regente, D. Pedro I, em 3 de junho de 1822, quando foi convocada uma assembléia que tinha a finalidade de elaborar a primeira Constituição do Brasil. Mas em razão da dificuldade de comunicação, o trabalho do projeto constitucional foi iniciado somente em 3 de maio de 1823 pelos representantes do Partido Brasileiro, que era formado por ricos proprietários de terra, cujo principal líder era Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio de Andrada e Silva e Martim Afonso Andrada. D. Pedro I resistiu em aceitar o conteúdo do projeto constitucional, uma vez que seus poderes seriam diminuídos. Então, D. Pedro simpatizou com o Partido Português que tinha, assim como ele, ideais absolutistas. Diante dessa resistência por parte do príncipe, o Partido Brasileiro começou a fazer oposição pública por meio de jornais, como, por exemplo, *A Sentinela da Liberdade*, em que os irmãos Andrada controlavam uma campanha de críticas a D. Pedro. Este, com a ajuda das tropas imperiais, dissolveu a Assembléia Constituinte, no dia 12 de novembro de 1823. Inúmeros representantes do Partido Brasileiro ficaram descontentes e reagiram ao decreto de D. Pedro, mas foram presos. Dentre eles, encontravam-se os irmãos Andrada, que foram expulsos do Brasil e se exilaram na França.

notável, ele achava que a Independência deveria vir com a formação de um Império e não com uma República.

José Bonifácio foi um homem de grande feitos, pois além de combater os franceses de Napoleão, no Batalhão Acadêmico de Coimbra, foi assessor e braço direito do Príncipe D. Pedro .

Mais tarde, ele voltaria à França, onde residiria em uma casa localizada na esquina das ruas Palais e Galien.

3.5 Louis Alexis Boulanger

O francês Louis Alexis Boulanger, nascido em La Fire, no Aisne, no dia 2 de abril de 1798, foi responsável pela escrita dos brasões do Império Brasileiro e pelo desenho de armas, criando dessa maneira uma espécie de nobreza no Brasil que tinha como distintivo insígnias heráldicas.

Boulanger morava no Rio de Janeiro, desde sua vinda de Paris no dia 30 de outubro de 1826, no Hotel de France, na Rua do Ouvidor, que mais tarde se tornaria uma rua praticamente francesa.

Apesar de ter um grande espírito francês, o que podemos notar pela sua biblioteca, onde se encontram livros de Voltaire, Diderot, D'Alembert, Montaigne, La Bruyère, ele se dedicou ao estudo do Brasil por considerá-lo como segunda pátria, chegando até mesmo a naturalizar-se como cidadão brasileiro

Mais tarde, vai tornar-se tutor de D. Pedro II, dada a sua profissão de litógrafo, retratista e por ser extremamente dedicado aos assuntos artísticos. O desenhista francês morreu no Brasil aos 73 anos.

3.6 Saída de brasileiros para a França

A cultura francesa estava muito presente no Brasil, e um reflexo disso foi o interesse espontâneo e até exagerado dos brasileiros em estudar na França.

Com a liberdade política do Brasil ocorreu um certo desenvolvimento nacional. Portanto, era necessária a formação de elites que preparassem as grandes tarefas reclamadas por esse desenvolvimento.

A França foi a fonte principal que proporcionou instrução para professores, selecionou brasileiros para cumprir atividades de que a nação necessitava e deparou-se com o movimento espontâneo dos estudantes brasileiros que procuravam frequentar as suas escolas.

Porém o movimento de estudantes em direção à França foi excessivo e descontrolado, uma vez que sem capacidade financeira os mesmos iam para a França e encontravam-se sem recursos. Isso motivou o ofício de 12 de novembro de 1824 enviado pelo representante do Brasil na França, Borges de Barros, ao ministro do Exterior do Brasil.

A afluência de brasileiros para este país aumenta, dia a dia, e esse fato, que alguns julgam do seu dever aplaudir já se transforma numa espécie de mania que exige atenção dos poderes públicos. Sem planos para o futuro nem outra ambição que a de cair no ridículo e no vício, muitos viajam para a França e aqui cedo se encontram sem recursos. A miséria constringe ao vício e mesmo ao crime o que não tem nobreza de alma – e essa nobreza é pouco difundida. Muitos me têm pedido ajuda. Eu não faço mais do que me é

possível e eles continuam a dilapidar os meus bens. É indispensável, contudo, socorrê-los para que eles não cubram de vergonha o nome de brasileiros.

Torna-se por isso importante não permitir a vinda para a França senão às pessoas que disponham de meios para viver aqui.

Rogo, pois, a Vossa Excelência propor, com urgência, providências a respeito, como eu já tenho solicitado e volto a reiterar, porque o mal aumenta.

A formação dos quadros dos serviços públicos era feita, em sua maioria, nas escolas francesas, incluindo os que iriam servir à Marinha e ao Exército brasileiro.

Quanto à Marinha o ofício de 11 de maio de 1824 foi muito importante na história das relações franco-brasileiras, pois, uma vez que o governo brasileiro sentia falta de brasileiros capacitados para equipar sua frota de guerra, foi obrigado a apoiar a vinda de marinheiros franceses para cá.⁹

Vossa Excelência tem todos os poderes para dirigir-se ao ministro Chateaubriand e alistar tantos marinheiros quanto possível, como trata-se de artistas, agricultores..., escolhendo de preferência, os habitantes dos portos e costas marítimas. Esses homens serão mais dados à navegação e se adaptarão melhor ao nosso país cujas costas são mais povoadas. Os contratos serão nominais e o transporte ficará a cargo do Governo brasileiro.

Luiz José de Carvalho e Mello, ministro dos negócios exteriores do Brasil

4 PERÍODO REGENCIAL

A notícia da Revolução de 1830 na França e a queda de Carlos X, marcando o fim das monarquias absolutistas francesas, se espalhou rapidamente no Rio de Janeiro e por todas as províncias, causando grande repercussão no espírito nacional. Rocha Pombo afirma em seu livro *História do Brasil*, que não faltou quem fizesse logo uma curiosa analogia entre o que se passava na França e as ocorrências que se davam no Brasil desde 1822.¹⁰

Em São Paulo, estudantes de Direito saíram às ruas para comemorar o fato e foram presos. Líbero Badaró, redator do periódico *Observador Constitucional*, defendeu os moços e foi assassinado. A morte de Badaró, considerado um mártir da liberdade, causou uma onda de agitações políticas e movimentos liberais que atingiram enormemente a autoridade do Imperador D. Pedro I.

No dia sete de abril de 1831, D. Pedro I, tendo perdido o apoio popular e com seus olhos voltados para o problema da sucessão portuguesa, abdicou em favor de seu filho D. Pedro II, que nessa época ainda não havia completado seis anos. O espaço de tempo que vai da abdicação de D. Pedro I ao golpe da maioridade e conseqüentemente à ascensão de D. Pedro II ao poder é denominado Período Regencial.

Nessa época surgiram idéias revolucionárias em várias regiões do Brasil, influenciadas principalmente pelos ideais franceses. Pela grande distância existente entre o Nordeste e a capital, o Rio de Janeiro, e também pela autonomia conservada por

⁹ *Op. cit.*, p 172.

¹⁰ POMBO, 1953, 292.

seus líderes políticos que não sofriam influência do poder monárquico central, o Nordeste era considerado quase como um outro “Brasil”.

Assim, ressurgiu em Pernambuco, o movimento liberal com bases nas tradições francesas, sempre presentes no espírito de nosso povo. O líder da onda liberalista pernambucana era Antônio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti. Ele defendia as suas idéias com muito ardor e dinamismo e mantinha relações pessoais com o representante da França no Brasil, Edouard Pontois. É de espantar a atitude tomada por Holanda Cavalcanti, um líder político com poder capaz de imobilizar forças políticas importantes nacionais e até mesmo internacionais. Negociou com o representante da França um projeto de secessão do Brasil pelo qual o País seria dividido em dois reinos, o do Norte, a partir da Bahia, e o do Sul.

O escritor Alberto RANGEL, em seu livro *Textos e pretextos*¹¹, escreve: “Em despacho número 75, de 28 de setembro de 1830, o alto representante da França no Brasil (Edouard Pontois) enviou ao Conde Sebastiani, Ministro de Estrangeiros sob Luís Filipe, com abundantes considerações e esclarecimentos, as grandes linhas do cometimento no qual via as mais altas vantagens para que merecesse toda a atenção e apoio do seu governo.” O conde recebeu o projeto de secessão do Brasil e o enviou a Luís Filipe. O rei francês, por vários motivos, como o parentesco existente entre ele e o imperador do Brasil, e para não descumprir o Tratado de Utrecht no que dizia respeito às fronteiras do Brasil com a França na região Amazônica, não aceitou o projeto.

O governo da França acompanhava de perto os acontecimentos políticos brasileiros da época, prova disso é que aqui dispunha de uma frota naval ancorada no porto do Rio de Janeiro, pronta para apoiar o nosso governo quando este solicitasse e, é claro, quando a medida fosse de acordo com os interesses da política exterior francesa.

Nesse período de regência o que se mostra evidente é a ameaça que pesava sobre a unidade nacional ainda não solidificada no momento em que o Brasil começava a ensaiar seus primeiros passos.

5 SEGUNDO REINADO

5.1 Casamento entre Orléans e Braganças

A união entre as famílias reais de Orléans e Braganças se deu a partir do casamento entre François-Ferdinand-Philippe D’Orléans, o príncipe de Joinville, filho do Rei Luís Filipe D’Orléans, rei dos franceses e sucessor de Carlos X, com a princesa Francisca de Bragança, filha de D. Pedro I.

François chegou ao Brasil em uma viagem da Marinha e se apaixonou pela princesa brasileira logo no primeiro encontro. Conta a crônica da época que o casamento foi o final feliz de um verdadeiro romance. Afirma-se que resultou muito mais das inclinações recíprocas dos dois jovens do que das conveniências políticas, ou de negociações diplomáticas entre as duas famílias, como era de costume entre famílias imperiais.

¹¹ RANGEL, 1926.

Mais tarde, em 1869, Gastão D'Orléans, o Conde D'Eu, neto de Luís Filipe, casou-se com Isabel de Bragança, filha e herdeira do Imperador D. Pedro II.

Em 9 de agosto de 64, a bordo do vapor Paraná, fizeram a travessia do Atlântico dois rapazes do melhor sangue europeu. Eram primos, um Orléans, outro Coburgo. Chegaram ao Brasil em 2 de setembro. O primeiro seria de Leopoldina, e o segundo de Isabel. Mas o destino quis o contrário como nos revela uma página do diário de Isabel. Ela assim escreveu: “Chegaram o conde d'Eu e o duque de Saxe. Meu pae desejou essa viagem com o fito de nos casar. Pensava-se no conde d'Eu para a minha irmã e no duque de Saxe para mim. Deus e os nossos corações decidiram diferentemente.¹² O Conde D'Eu preferiu Isabel, e D. Pedro II aceitou para príncipe consorte o sobrinho de sua irmã Francisca.

Em 11 de outubro lavrou-se a escritura pré-nupcial, a Corte inteira participou das cerimônias. A lua-de-mel se deu em Petrópolis e teve como continuação a Europa, onde Isabel conheceu o nobre sogro Nemours, a sua tia Francisca de Bragança casada com o príncipe de Joinville, os condes de Paris e outros nobres franceses.

No caso de um 3º reinado com a abdicação de D. Pedro II, o Conde D'Eu, por ser casado com a herdeira do trono brasileiro, servia de alvo aos críticos nacionalistas e republicanos da época. Heitor LYRA, no seu livro *A queda do império* diz que

Se a opinião pública acabasse, apesar de tudo, se conformando em aceitar a Princesa Imperial como Imperatriz, o que dificilmente toleraria seria a presença do marido ao lado dela. Não obstante as provas por ele dadas de interesse e mesmo de afeição ao Brasil e aos brasileiros, da perfeita correção que sempre mantivera ao lado da mulher, inclusive nas vezes em que ela exercera a Regência do Império, e do seu comportamento exemplar na Guerra do Paraguai – bem poucos estavam dispostos à reconhecer suas qualidades.¹³

No quadro brasileiro da época, dominado pelas paixões políticas e pelo movimento republicano, os líderes e os jornais que combatiam a Coroa, encheram-no de apelidos – o *Francês*, o *Marroquino*, o *Exportador de cortiços* –, tornando assim cada vez mais difícil para a opinião pública identificá-lo na sua verdadeira figura, fiel a causa do Brasil, pelo qual lutou com bravura e jogou a vida na Guerra do Paraguai.

5.2 Perfil de D. Pedro II

O novo imperador do Brasil foi educado segundo os modelos franceses, como era próprio da época. Seu mestre principal foi o francês Alexius Boulanger que se encarregava da caligrafia, das letras grossas e da Geografia e História. Os outros eram o Reverendo Boiret, emigrado francês professor de leitura ou de primeiras letras, sendo dessa forma o imperador alfabetizado em francês; o pintor Félix Emilio Taunay para ensinar-lhe o desenho e a pintura; o tutor José Bonifácio.

Foi principalmente para a França que D. Pedro se voltou, e daí vieram as preferências não apenas pelos livros, como também pelas relações pessoais com os grandes nomes da cultura francesa. Como exemplo das ilustres amizades que o imperador cultivava na França, temos Victor Hugo, o autor mais lido e venerado do Brasil.

¹² H. LYRA, 1964, 400.

¹³ H. LYRA, 1964

Graças à sua cultura, D. Pedro conquistou a amizade e a admiração das figuras mais representativas do liberalismo francês. No Brasil, as elites, os homens de pensamento e os estudantes se formavam principalmente em francês, a segunda língua mais falada no Brasil, perdendo apenas para o português. As maiores e melhores livrarias do Brasil eram francesas, como, por exemplo, a Garrald, em São Paulo, a Garnier e a Briguiet, no Rio de Janeiro.

D. Pedro criou estabelecimentos de ensino mantidos pelo Estado, já que os poucos existentes na época, com exceção das ordens religiosas, eram de caráter privado, e se empenhou em contratar professores estrangeiros para lecionar no Brasil. Em 1874, o imperador convidou o francês Henri Claude Gorceix com grande experiência na Escola Normal Superior de Paris e na Escola Francesa de Atenas para montar no Brasil uma Escola de Minas. Foi ele o fundador da Escola de Minas de Ouro Preto.

5.3 D. Pedro II na França (1871-1872)

Em 26 de junho de 1871 o imperador e sua comitiva chegaram à França fortemente abatida pela ocupação alemã após a guerra franco-prussiana, e pelas lutas da Comuna. D. Pedro II era a primeira personalidade estrangeira a visitar a França após a queda do Império. Não era um momento apropriado para uma visita ao país, por isso D. Pedro II apenas passou rapidamente pelo território francês, deixando para mais tarde a visita longa a Paris, às suas instituições culturais e aos seus sábios.

Após visitar a Inglaterra, a Bélgica, a Alemanha, a Áustria, o Egito e a Itália, D. Pedro II retornou à França, por Estrasburgo, chegando a Paris na noite de 15 de dezembro. Uma multidão o esperava, além da representação oficial do governo francês, da representação diplomática brasileira, e de sua irmã Francisca e do príncipe de Joinville.

Hospedado no Grand Hôtel, no Boulevard des Capucins, D. Pedro II ocupou o Pavillion de L'Ópera, com saída particular isolada dos outros hóspedes, mobiliado com muito luxo e cuidado pelos antigos guardas do Palácio das Tulherias. Apesar de esclarecer a todos que viajava em caráter particular, o imperador não teve como impedir que o governo francês desse a maior importância à sua visita. O *Jornal do Comércio* assim publicara: “Onde Suas Majestades tiveram de passar, foram os mesmos augustos senhores cumprimentados pelas principais autoridades com guardas de honra, e prontas para lhe fazerem todos os obséquios. S. M. o Imperador, porém, os dispensou sempre, agradecendo muito, mas declarando que viajava inteiramente como qualquer particular.”¹⁴ Já na França, quase todos os jornais parisienses escreviam sobre a personalidade esclarecida e instruída do imperador, como, por exemplo, o *Le Figaro*: “Um dos monarcas mais esclarecidos do mundo, modelo que devia servir aos monarcas constitucionais.”¹⁵

Os dias na capital francesa propiciaram ao imperador o tão benquisto convívio com os “sábios”, com a nata da sociedade e do espírito francês. Assistiu à várias reuniões, como as da Sociedade de Geografia de Paris, compareceu a bailes e era grande freqüentador do teatro francês da Rua Richelieu, movimentando assim as indústrias, as ciências e as artes parisienses.

Poucos dias após a sua chegada, D. Pedro II, com Gobineau e a condessa de Barral,

¹⁴ *Jornal do Comércio*, seção “Gazetilha”, “Viagem de SS. MM. Imperiais”, 3 de agosto de 1871.

¹⁵ *Le Figaro*, tomo 1871/72, Paris.

servindo de intermediários, recebeu a visita de Renan¹⁶, personalidade de suas maiores admirações. Retribuiu-lhe a visita indo ao Instituto da França, com o objetivo de escutar seu discurso como presidente da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. O imperador assistiu a várias reuniões do Instituto e da Academia de Ciência, onde se encontrou com Renan, conhecendo de perto Jules Simon¹⁷, Jean-Baptiste Dumas¹⁸, Eugène de Lhuys, três vezes ministro dos Negócios Estrangeiros da França. Dentre outros sucederam-se os contatos com artistas como Rémusat¹⁹ e Morin²⁰, e com cientistas do porte de Claude Bernard²². Foi à Academia para assistir aos debates sobre a elaboração do *Dictionnaire Historique*, e visitou várias outras instituições culturais francesas.

Na época, o chefe de governo da França era Adolphe Thiers. Este convidou o imperador do Brasil a visitar Versalhes. D. Pedro II partiu da Estação do Oeste em 24 de dezembro de 1871 acompanhado por uma pequena comitiva. Ao chegar ao Palácio do Petit Trianon, conversou mais de uma hora com Thiers, mas este não se satisfaz com um primeiro contato convidando D. Pedro II, dois dias mais tarde, para jantar no Palácio de Versalhes.

Em retribuição às gentilezas de Thiers, o imperador convidou-o para um jantar em Paris, o que se realizou na intimidade dos salões particulares do imperador no Grand Hôtel.

Em 31 de dezembro de 1871 visitou pela última vez o Instituto da França e partiu em direção a Toulon, Marselha, Nice e depois a Madri.

5.4 D. Pedro II na França (1877)

D. Pedro II apenas pôde retornar a Paris, sua cidade preferida, em 1887. Ao entrar no Grand Hôtel, onde reservara todo o primeiro andar, deparou-se com a bandeira brasileira na fachada sobre a Rua Auber. Sendo sua viagem de caráter particular, o imperador pediu que a bandeira fosse retirada.

Todos os jornais de 19 de abril publicaram a notícia da chegada do imperador e sua comitiva a Paris. Na manhã seguinte à sua chegada sua majestade já percorria os bulevares, pois queria ver as mudanças pela qual a cidade havia passado de 1871 para cá.

¹⁶ Ernest Renan, escritor francês, historiador das religiões, líder da escola revisionista, o filósofo sem crenças.

¹⁷ Importante político francês, professor de Filosofia da Sorbonne (1839), deputado republicano de 1863 a 1870, ministro da instrução pública e presidente do Conselho.

¹⁸ Químico francês, primeiro a montar corretamente as equações que representam as reações químicas, estabeleceu os fundamentos da atomística moderna, concebeu um método para medir a densidade de vapor e aperfeiçoou a dosagem do carbono, do hidrogênio e do nitrogênio. Foi ministro da Agricultura e do Comércio e presidente do Conselho Municipal de Paris.

¹⁹ Professor de Chinês no Collège de France. Deu novo impulso aos estudos da língua e civilização chinesa na França.

²⁰ Sociólogo francês, procurou compreender o “indivíduo sociológico”, utilizando os recursos da sociologia empírica e da observação compreensiva da realidade cotidiana.

²¹ Fisiologista francês, descobriu a função glicogênica do fígado e criou uma teoria sobre a origem da diabete, o que lhe deu grande notoriedade. Descobriu a existência dos nervos vasomotores e dos nervos excitantes e inibidores do sistema nervoso simpático e teve considerável influência sobre os positivistas da época.

A presença do imperador constituía se em um acontecimento não só para Paris, mas também para ele próprio. Logo ao chegar, D. Pedro II visitou a Exposição Universal, foi ainda ao Palácio D'Elyseé cumprimentar o presidente da república, Mac-Mahon. No dia seguinte o Imperador recebeu Mac-Mahon e sua mulher em visita oficial que durou uma hora.

Em Paris, D. Pedro II visitou a Exposição Internacional de Horticultura, onde novamente se encontrou com Thiers, compareceu a recepções dadas em sua honra pelo Conde de Paris e pelo presidente Mac-Mahon nos salões de Faubourg St.-Honoré e no Palácio D'Elyseé, respectivamente; compareceu também à recepções dadas pela Legação do Brasil e pelo ministro da Instrução Pública, dentre várias outras.

O mundo sedutor que é Paris obrigava o soberano brasileiro a movimentar-se sem parar. Todos os domingos ia à missa na Igreja da Madeleine ou na de Saint-Augustin; percorreu a pé várias ruas de Notre-Dame; frequentou incógnito algumas clínicas e organizações hospitalares; assistiu durante 3 dias às aulas da Escola de Artes e Ofícios e aos cursos do Instituto de Agronomia e da Escola normal; compareceu aos teatros Châtelet, Vaudeville, Lírico, Francês, Odeon e outros.

O imperador visitou também a Societé d'Agriculture, da qual era associado, e a Societé d'Hygiène, que escolhera o imperador como presidente de honra. D. Pedro II era frequentador assíduo da Biblioteca Sainte-Geneviève e da Sorbonne, onde assistiu a várias conferências.

Em 24 de fevereiro de 1875, a Academia de Ciências o elegeu sócio correspondente da Seção de Geografia.

Nessa temporada parisiense, D. Pedro II frequentou com grande interesse os famosos institutos científicos e literários e relacionou-se com grandes nomes da cultura francesa, como Claude Bernard, Pasteur²², Renan, Victor Hugo e outros.

Sem dúvidas, o contato que despertou maior emoção por parte de D. Pedro II foi o que ele manteve com Victor Hugo. Em 15 de maio de 1877, as vitrines de Paris exibiram seu último livro: *L'art d'entre grand père*. Na manhã de 22 de maio, sem aviso prévio, D. Pedro II bateu à porta de Victor Hugo às nove horas. Dois dias mais tarde, Hugo, cumprindo o combinado, passou pelo Grand Hôtel para deixar ao imperador uma fotografia. Os contatos entre D. Pedro II e Hugo não acabaram nessa primeira visita. Em 29 de maio, ele foi novamente à casa do poeta. A última vez que o imperador viu Victor Hugo foi de longe, fazendo parte do cortejo fúnebre do deputado republicano Edmond Adom.

Entre as grandes amizades que o imperador cultivou na França, a mais famosa foi a de Victor Hugo. Era D. Pedro II, por si só, um elo natural entre o escritor e o Brasil.

Entre as preciosidades ligadas ao Imperador D. Pedro II, no Instituto Histórico Brasileiro, há um exemplar de *L'art d'entre grand père*, onde se lê na primeira folha em branco: “a D. Pedro de Alcântara – Victor Hugo – Paris”, e pregado à página encontra-se um envelope com excelente fotografia do poeta com seus netos. Esta traz a assinatura de Victor Hugo.

O imperador não permaneceu somente em Paris, aproveitou domingos e feriados

²² Químico e biólogo francês. Descobriu os organismos anaeróbicos, foi nomeado decano da Faculdade de Ciências de Lille, foi administrador e diretor de estudos científicos da Escola Normal. Descobriu a causa dos furúnculos e da osteomielite, micróbio denominado hoje estafilococo, conseguiu obter uma vacina contra a raiva para ser aplicada no homem depois de mordido por animal raivoso, o que o consagrou. Em 1888 foi designado chefe do Instituto Pasteur.

para visitar Versalhes, Chantilly, Compiègne, Tours, Blois, o Forte de Châtillon e Órleans.

No dia 14 de junho chegou ao fim a deliciosa temporada de primavera do imperador, deixando Paris e seguindo em direção à Inglaterra.

5.5 D. Pedro II e seu tratamento na França

O problema de saúde do imperador brasileiro foi o motivo oficial da viagem à Europa. Aos 30 minutos de 20 de julho de 1887, D. Pedro II chegou à estação parisiense de Austerlitz e foi recebido pelas autoridades francesas e por muitos brasileiros. Logo após à sua chegada, foi residência do Barão de Nioac, pois os aposentos no Grand Hôtel estavam reservados apenas a partir de 22 de julho.

D. Pedro II visitou o presidente da França, Grévy, no Palácio d’Elysée. A entrevista durou 45 minutos. Duas horas mais tarde, como era de protocolo, o presidente retribuiu ao imperador a visita feita.

Mostrando-se cada vez mais interessado pelas ciências, D. Pedro visitou a Faculdade de Medicina, foi ao Observatório de Paris, foi à exposição permanente da Sociedade de Relevos Geográficos e a várias outras instituições francesas. Assim, movimentando-se em um ritmo intenso, o imperador parecia esquecido do principal motivo de sua viagem a Paris que era a consulta aos médicos.

A estação d’águas escolhida pelos médicos franceses foi a de Baden-Baden. Em 30 de julho a estação Lyon se encheu de amigos e representantes do governo, para despedir-se do imperador que partia. O dia era especialmente festivo, pois era o dia do 41º aniversário da Princesa Isabel. Muitos jornais parisienses deram grande publicidade a esse fato e ao bom estado de saúde do imperador.

Em Baden-Baden, D. Pedro II iniciou as aplicações de duchas, massagens, ginásticas e passeios pequenos, além de uma dieta a ser rigorosamente seguida pelo imperador. No dia 1º de outubro os soberanos retornaram a Paris via Bruxelas, chegando à cidade em 9 de outubro.

Em Paris o imperador teve uma surpresa, pois seus habituais aposentos no Grand Hôtel estavam ocupados, ficando assim com os quartos do fundo. Durante os 21 dias passados na cidade de Paris, o imperador movimentou-se sem parar, mas excluiu os compromissos oficiais.

Em 12 de outubro, após uma visita a Pasteur, a imprensa parisiense divulgou a notícia de que seria fundado no Rio de Janeiro, por iniciativa de D. Pedro II, o Instituto Pasteur, sob a direção do Dr. Pereira dos Santos, um dos discípulos de Pasteur. Dez dias depois o imperador foi recepcionado no Collège de France por Renan, com quem teve uma longa conversa. Com o objetivo de homenagear D. Pedro, Renan convidou-o para o jantar anual do Instituto, realizado na noite de 27 de outubro. No dia 28 de outubro, o imperador embarcou para Cannes, a poucos quilômetros de Nice, de Monte Carlo, de Mônaco e de Fréjus; ele podia ir e vir em constante atividade. Esta temporada em Cannes teve de especial a presença de Antônia, neta de D. Miguel de Portugal e sobrinha de D. Pedro II.

O nome do imperador não parava de ser citado nos jornais franceses, que publicavam quase diariamente notas sobre a sua saúde. Depois de 6 meses de repouso, o imperador iniciou um cruzeiro pela Riviera italiana.

Em princípios de junho, com sua saúde muito debilitada, D. Pedro II deixa Milão e parte em direção a Aix-les-Bains a meio caminho de Bordéus, onde o imperador devia tomar o navio para o Brasil, chegando aqui no dia 22 de agosto de 1888.

5.6 Começa o exílio

Com a Proclamação da República, D. Pedro II e toda a sua família viajam para a Europa. Às 5 horas do dia 18 de novembro, o Alagoas parte com a família real brasileira. No dia 7 de dezembro, às 7 horas, o Alagoas ancorou. O desembarque em Lisboa se fez com toda solenidade e honras. O imperador instalou-se no Hotel Bragança.

A situação financeira da família imperial não era boa, assim como a de muitos do grupo mais chegado ao imperador, assim os amigos mais fiéis se dispersaram para viver em locais mais apropriados.

O imperador fixou residência em Cannes, onde conseguiu se manter em plena atividade intelectual. O inverno de 1889/90 foi um dos mais frios dos últimos 50 anos, principalmente na França. Em Paris a temperatura chegou a 15º graus abaixo de zero e o Rio Sena chegou até mesmo a congelar. D. Pedro II aguardava em Cannes para que o clima melhorasse. Em maio teve autorização dos médicos para ir a Paris rever seus amigos. Lá conheceu Eça de Queirós e pode constatar que ambos admiravam profundamente Claude Bernard, Renan, Vigny²³, Flaubert entre outros. Depois de uma curta temporada em Paris, o imperador regressou a Cannes. Os médicos sugeriram um tratamento de duchas e ginásticas em Baden-Baden. Antes de ir passar uma temporada na estação de águas, D. Pedro II decidiu passar alguns dias em Voiron, no Castelo da família Barral. No dia 6 de agosto, o imperador e sua comitiva deixaram Voiron com destino a uma longa temporada em Baden-Baden.

Em 1º de outubro D. Pedro II estava em Versalhes, chegando a Paris no dia 6 do mesmo mês. Porém, aconselhado pelos médicos, o imperador teve que deixar novamente Paris e regressar a Baden-Baden com a finalidade de continuar seu tratamento hidroterápico, e depois, seguir para Cannes. Em 2 de dezembro, o imperador estava instalado em Cannes, no Hotel Beau Sejour.

O ano de 1891, o último de sua vida, começou com um luto. Em 14 de janeiro morre a tão estimada Condessa de Barral.

No dia 13 de maio, D. Pedro II foi a Versalhes para ficar com sua filha. Em 25 de maio o imperador estava novamente em Paris, onde comparece à seção da Academia. Depois fez uma pequena viagem ao sul da França, à Alemanha e à Bélgica. Por conselho médico ele deixou Paris para fazer uma estação de águas em Vichy onde permaneceu durante os meses de julho e agosto sob tratamento e controle médico.

Em 10 de outubro D. Pedro reentrou em Paris. Já andava com dificuldade. No aniversário de 2 de dezembro, o imperador já se encontrava confinado às quatro paredes de seu quarto no Hotel Bedford. Aos 30 minutos do dia 5 de dezembro de 1891, o mundo deixou de existir para o imperador do Brasil. Às 16 horas do mesmo dia, o corpo foi exposto à visitação pública. Durante toda a noite até as 4 horas do dia seguinte, o imperador foi velado. A notícia da morte de D. Pedro II percorreu rapidamente toda Paris.

Depois do Príncipe de Gales, nenhuma outra autoridade estrangeira atingiu maior popularidade em Paris do que D. Pedro II, não apenas nas elites como nas baixas camadas sociais; entre estudantes e personalidades científicas, o imperador

²³ Importante escritor francês, publicou primeiramente *Poemas* (1822), *Poemas antigos e modernos* (1826), e um romance histórico, *Cinco de março* (1826), depois publicou *Stello* (1832), e *Servidão e grandezas militares* (1835). Em 1845 foi eleito para a Academia Francesa.

gozava do mais alto prestígio.

O governo francês autorizou exéquias imperiais, não as de chefe de Estado mas as de um rei exilado. A cerimônia foi marcada para dia 9 de dezembro, ao meio dia, na Igreja de Madeleine. Às 13 horas o caixão saiu pela porta principal da igreja. No momento em que apareceu na porta, as tropas estacionadas no Place de la Madeleine apresentaram as armas. A formação militar se compunha de 80.000 homens postados ao longo do trajeto a ser percorrido até o Boulevard de Saint-Germain. O corpo partiria às 20 horas em direção a Lisboa. O trem chegou à Estação dos Soldados, em Lisboa, às 12 horas do dia 12 de dezembro. O corpo do imperador foi exumado no Panteão dos Braganças, ficando colocado entre sua mulher e sua madrasta.

Assim chegou ao fim a vida de nosso ilustre imperador, um grande, senão um dos nossos maiores, elos do Brasil à França, aos franceses e a sua cultura.

6 HISTÓRIA DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E FRANÇA

Foi Edouard Gallès um grande impulsor do comércio entre França e Brasil. Em dezembro de 1828, apenas dois anos após a assinatura do primeiro tratado de comércio entre os dois países, foi publicado o livro de sua autoria: *Du Brésil, ou observations générales sur le commerce et les douanes de ce pays, suivies d'un tarif de droits d'entrée sur les marchandises françaises, et d'un tableau comparatif des monnaies, poids et mesures*. Tradução: Do Brasil, ou observações gerais sobre o comércio e as alfândegas deste país, seguidos de uma tarifa de direitos de entrada sobre as mercadorias francesas, e de uma tabela comparativa das moedas, pesos e medidas.

A época do ano que Gallès recomendava como a melhor para viagens da França para o Brasil, tendo em vista as condições atmosféricas, era entre os meses de setembro a março, e o mais favorável era o de dezembro.

O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação assinado entre França e Brasil, em 8 de janeiro de 1826²⁴, estipulava 15% de impostos sobre mercadorias francesas que entrassem em nosso país. Para que os direitos de entrada sobre essas mercadorias fossem apenas de 15% estava estabelecida, nos termos do tratado comercial, a necessidade de que elas viessem acompanhadas de atestado de origem, firmado pelos cônsules brasileiros dos portos de embarque. Os artigos que não viessem acompanhados do atestado de origem francesa cairiam nos direitos de 24%, cobrados de modo geral sobre as mercadorias das nações com as quais o nosso país não tivesse tratados de direitos preferenciais. Pelo tratado de 1826 só eram beneficiados com os direitos de 15% os gêneros, mercadorias e artigos, importados dos portos da França para o Brasil, tanto em navios franceses quanto em brasileiros.

A lei de 24 de setembro de 1828 fixara em 15% a taxa de direitos de importação de

²⁴ Esse tratado foi ratificado por carta de lei, de 6 de junho de 1826.

todas as mercadorias, sem distinção de procedência. Em 21 de novembro de 1843, foi assinada, entre a França e o Brasil, uma convenção para o estabelecimento de uma linha de “paquetes de vapor” destinada ao serviço regular de correspondência e ao transporte de passageiros entre os dois países.

Segundo Edouard Gallès, o serviço de navegação da linha do Brasil poderia ser executado em navios de cerca de 450 a 500 cavalos-de-força e de 1.500 a 1.600 toneladas, os quais com a velocidade de 10 nós realizariam o trajeto de Bordéus a Pernambuco em 20 dias e duas horas; de Bordéus à Bahia em 22 dias e uma hora; e de Bordéus ao Rio de Janeiro em 25 dias e 7 horas. O comércio com o Brasil fazia-se principalmente pelos portos do Havre, de Marselha, e de Bordéus.

Em 17 de junho de 1857 foi promulgada a lei fundamental para o estabelecimento da navegação transatlântica a vapor na França. Foi a linha de Bordéus, com destino ao Brasil, a primeira a ser inaugurada. A concessão para a exploração dessa linha de transporte coube à *Compagnie des Services Maritimes des Messageries Impériales*. O primeiro navio francês a entrar no Rio de Janeiro em 16 de junho de 1860 foi o vapor *Guienne*. A seguinte notícia correu o Brasil

O vapor *Guienne*, da nova linha transatlântica francesa, entrou ao nosso porto ontem ao amanhecer, inaugurando assim brilhantemente o serviço postal contratado pela *Compagnie des Messageries Impériales* com o governo francês, e assegurando-nos mais uma comunicação mensal, rápida e regular com o continente Europeu. O vapor *Guienne* que fez a viagem de Bordéus ao Rio em vinte e dois dias e nove horas, compreendidas todas as escalas, é um excelente navio da força de 570 cavalos, de primeira marcha, e de magníficas acomodações. Saudando esta nova linha, confiando que a regularidade de seu serviço corresponderá ao que dela se espera, e desejando-lhe a maior prosperidade, não nos esqueceremos da linha inglesa de Southampton, que iniciou a navegação a vapor com o, Brasil, que tão bons serviços nos tem prestado, e que se tornou digna de elogios por sua nunca desmentida pontualidade.²⁵

É de se notar que antes mesmo da inauguração da linha de navegação Bordéus – Brasil, o governo francês pediu ao nosso que os navios da *Compagnie des Services Maritimes des Messageries Impériales* gozassem dos mesmos favores que gozavam os da companhia britânica *The Royal Mail Steam Packet Company*. As negociações para a identidade de tratamento entre as duas empresas, inclusive a isenção de impostos de ancoragem, culminaram com a assinatura de uma convenção entre o Brasil e a França, promulgada pelo decreto nº 2650, de 27 de setembro de 1860.

Segundo o livro de Gallès, a alfândega da capital do Império tinha portas abertas das 8:30 da manhã às 2 da tarde. O expediente era prorrogado nos dias em que o imperador e o ministro iam visitá-la, ou quando havia abundância de mercadorias a despachar.

Os principais produtos exportados para a França eram o algodão, o açúcar, as madeiras de tinta, o tabaco e o café. Em contrapartida, o Brasil importava da França os vinhos, as sedas, os artigos de Paris, como tecidos, perfumarias, leques e conservas.

²⁵ *Jornal do Comércio*, 17 de junho de 1860.

7 PERSONALIDADES FRANCESAS

7.1 Victor Hugo e o Brasil

Ninguém teve, no Brasil do período, projeção maior ou igual a Victor Hugo. Logo começou o fascínio da sociedade brasileira pelas artes e idéias dessa grande personalidade.

Entre os escritores brasileiros, quase todos sofreram influência direta ou indireta de Victor Hugo. Podemos citar, como exemplo, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Teixeira de Mello, Álvarez de Azevedo, Machado de Assis, Maciel Monteiro e outros que, mesmo sem fazerem poesia social ou revolucionária, recordam Victor Hugo.

Na poesia, no mundo do pensamento literário e também no aspecto político a sua influência foi imensa. A sociedade brasileira tinha grande admiração pelo lutador social e político que era Hugo.

Edmundo MUNIZ afirmava que Victor Hugo era um poeta eminentemente social: “O fato é que, embora exilado e perseguido, ele foi, na Europa, o brado de revolta conta o despotismo e uma das vozes mais autorizadas na luta pelos ideais democráticos”.²⁶ Percebe-se, então, o porquê da admiração de Rui Barbosa por esse ilustre homem e de suas idéias coincidirem em muitos aspectos. Ubaldo SOARES escreve

Ambos – Rui e Hugo – lutaram contra o estado de sítio e a favor da liberdade de imprensa; ambos combateram em prol da paz e da igualdade das nações; ambos advogaram, com o mais brilhante entusiasmo, a libertação da Polônia garroteada pelo infame jugo germano-austro-moscovita; ambos se enfeitaram pelas autênticas conquistas democráticas, Victor Hugo no terreno social, um pouco mais avançado do que Rui; ambos defenderam a causa dos oprimidos onde quer que estivessem.²⁷

Há quem diga que, em 1852, diante do golpe de estado de Luís Napoleão, ao procurar um país de exílio, Hugo pensou em emigrar para o Brasil na companhia de seu amigo Ribeyrolles. No entanto, Ribeyrolles muda-se para o Brasil, e Hugo vai para Guernesey.

No exílio, Ribeyrolles escreveu um livro sobre o Brasil rico em informações e em ternura por este país e pelo seu povo: *Le Brésil pittoresque*. Inúmeras foram as viagens feitas por ele para conhecer o País. São várias as provas de como ele pensava em seu amigo Victor Hugo ao contemplar as belezas das paisagens, ao comentar os acontecimentos sociais e também, ao sentir a cordialidade de seus contemporâneos.

Em 1860, Ribeyrolles morreu subitamente. A Câmara Municipal de Niterói mandou construir um jazigo perpétuo de quatro metros de altura, em reconhecimento do que fizera pelo seu país adotivo. A imprensa brasileira dirigiu-se a Victor Hugo, pedindo-lhe um epitáfio para aquele que fora seu companheiro de exílio. Este remeteu os versos com uma expressiva carta ao brasileiros.

Eis a tradução feita pelo periódico da época, *Constituição*²⁸

Ribeyrolles foi ter à vossa pátria e escreveu um belo livro; livro em tudo digno

²⁶ MUNIZ. *Carioca*, 3 de março de 1943, Rio de Janeiro.

²⁷ SOARES. *Carioca*, 8 de dezembro de 1949, Rio de Janeiro.

²⁸ *Constituição*, p. 2, ano XXII, no 61, Fortaleza, domingo, 13 de setembro de 1885.

desse admirável país, dessa nobre nação e da vossa história ilustre.

Com simpático entusiasmo escreveu ele a vossa ascensão, cada vez mais luminosa, as regiões do progresso. Fraternalmente, em nome da democracia e da civilização fez-vos completa justiça. Algumas páginas do seu livro são lâminas de mármore em que estão gravadas as vossas conquistas gloriosas e prenunciado o vosso brilhante futuro. Ribeyrolles morreu antes de completar a sua obra. Morreu proscrito e pobre. Contraístes uma dívida para com ele e quereis pagá-la com magnificência.

Ribeyrolles erigiu um monumento ao Brasil. O Brasil erige um monumento á Ribeyrolles. Honra ao povo brasileiro. Contrair por essa forma uma dívida e por tal meio pagá-la, é ser duas vezes admirável.

Quereis um epitáfio para esse túmulo e é a mim que o pedis; quereis enfim gravar o meu nome nesse monumento. Dou o mais alto preço à honra que me dais. Agadeço-vos.

Desde o alvorecer da história há duas entidades que dirigem a humanidade: – os opressores e os libertadores. Uma domina pelo mel, a outra pelo bem. De todos os libertadores porém o pensador é o mais eficaz – sua ação nunca é violenta. De todas as forças, a mais suave e portanto a mais ingente é a do espírito. O espírito trucidada, esmaga o mal. Os pensadores emancipam o gênero humano. Sofrem assim, e muito, mas triunfam sempre. É sacrificando-se individualmente que eles conseguem salvar seus semelhantes. Morrem muitas vezes no exílio, mas que importa?! O ideal que os animava sobrevive, e a obra da liberdade, começada em sua vida, prossegue depois da sua morte. Ribeyrolles era um libertador; tinha por objetivo a liberdade de todos os povos e a emancipação de todos os homens. Teve uma única ambição, um desejo supremo, ver livres todas as nações e confraternizadas todas as raças.

Foi essa a idéia fixa que o atraiu à gloria e arrastou-o à proscricção. É isto o que procurei sintetizar nos seis versos que remeto e que podereis, se quiserdes, mandar gravar em seu túmulo.

Quanto a mim, sentindo-me feliz pelo convite que me dirigistes, apresso-me em responder. Sois homens de sentimentos elevados, sois uma nação generosa. Tendes a dupla vantagem de possuir uma terra virgem e descender de uma raça antiga. Um grande passado histórico vos liga ao continente civilizador; unis a luz da Europa ao sol da América. É em nome da França que eu vos glorifico. Ribeyrolles já o havia feito antes de mim.

Ribeyrolles saudou-vos com sua máscula eloquência; aplaudiu-vos porque vos amava. Vós povo brasileiro, honrais a sua memória. É belo, é nobre isso! É a grande confraternização que aí se firma, é o encontro de dois mundos junto ao túmulo de um proscrito; é a mão do Brasil apertando a mão da França através dos oceanos!

A todos cumpre agadecer-vos! Ribeyrolles, com efeito, é tanto nosso quanto vosso. Os homens de sua têmpera pertencem a todas. A proscricção que ora o fulmina aumenta a luminosidade da comunhão universal. Quando um déspota rouba-lhe a pátria é belo que um povo dê-lhe um túmulo.

Saúdo-vos e subscrevo-me vosso irmão:

Victor Hugo.

Guernesey, Hauteville-house, 4 de novembro de 1861.

Eis o epitáfio:

Charles Ribeyrolles

Il accepta l'exil, il aime les souffrances
Intrépide il voulut toutes les délivrances
Il servit tous les droits par toutes les vertus
Car l'idée est un glaive et l'âme est une force:

Et la plume de Wilberforce
Sort du même fourreau que le fer de Brutus.²⁹

Eis a tradução:

Ele aceita o exílio, ele ama os sofrimentos
Destemido ele quer todas as liberdades
Ele serve todos os direitos e todas as virtudes
Pois a idéia é um gládio e o amor é uma força
E a pena de Wilberforce
Saiu da mesma bainha que o ferro de Brutus.

As manifestações de Hugo pelo Brasil não param por aí. O poeta, em 1871, escreve em um jornal da Bélgica, um artigo elogiando a Lei do Ventre Livre. Em 1884, quando o Ceará e o Amazonas alforriam seus últimos escravos ele escreve: “O Brasil aboliu a escravidão com um golpe decisivo. O Brasil tem um Imperador: este Imperador é um bom homem. Que nós o felicitamos e honramos.”³⁰ Um ano antes de saber haverem fundado um clube republicano, na Paraíba do Sul, Hugo manda uma carta de incentivo aos republicanos.

É evidente a ação de Victor Hugo sobre a sociedade brasileira, prova disso é o grande numero de traduções, para o português das suas obras. A primeira tradução conhecida foi a de Gonçalves Dias, em 1846, e seguiram-se milhares até os dias de hoje.

A morte do poeta causou considerável dor aos brasileiros. Desde o governo aos centros literários, da imprensa ao brasileiro em geral, em todos os cantos do Brasil, as manifestações de saudades foram imensas.

A Câmara dos Deputados, a Confederação Abolicionista e o Congresso Literário Gonçalves Dias demonstraram seu grande pesar.

A revista *A Semana* envolve em crepe as sacadas do edifício e resolve fechar as portas. Segue-se luto por oito dias e decidem promover, por meio de uma reunião de todos os jornalistas da Corte, a realização de grande sessão literária em homenagem a Victor Hugo.

É dela o comentário: “Acaba de falecer o primeiro poeta da França, isto é, o primeiro poeta do mundo; porque a França da Enciclopédia, a França de Victor Hugo é a pátria da Civilização, o núcleo de todas as aspirações, de todas as lutas, de todos os séculos.”³¹

No dia 22 de maio de 1885, assim que Múcio Teixeira soube da morte de Victor Hugo, ele foi dar os pésames a D. Pedro II que estava profundamente comovido. Este aconselhou o escritor a reunir as traduções dos poetas brasileiros já mortos na época e a dirigir uma carta aos vivos, pedindo a necessária colaboração para que a homenagem dos brasileiros a Victor Hugo ficasse para sempre perpetuada nas páginas de um livro.

A *Gazeta de Notícias* assim como o *Jornal de Comércio do Rio de Janeiro* dão a sua primeira página em homenagem ao poeta. Da mesma maneira prosseguiram o restante dos importantes jornais e folhetins brasileiros.

²⁹ Esse epitáfio foi colocado no verso do monumento a Ribeyrolles construído pela Câmara Municipal de Niterói, no Cemitério de Maruí, onde estão depositadas as cinzas do ilustre morto.

³⁰ Raeders (G.) *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 49, julho de 1935, p. 306, Rio de Janeiro.

³¹ *A Semana*, de 23 de maio de 1885, p. 3, Rio de Janeiro.

7.2 Debret

No início do século XIX, a Revolução Francesa mudava as características da Europa e influenciava também o Brasil. Era o período de enfraquecimento das monarquias, e quando D. João VI vem para a América. Em 1808, a Corte portuguesa se estabelece na sua colônia, onde por treze anos reina D. João VI, acabando com o Pacto Colonial entre Portugal e o Brasil

Após a independência do Brasil, alguns projetos começaram a se preparar, duas novas faculdades de Medicina e Cirurgia foram fundadas em São Paulo e em Pernambuco, de acordo com as de Paris, e a capital começa a se tornar cada vez mais bela por causa da influência francesa. É nesse momento que o brasileiro começa a descobrir uma simpatia maior pela França.

A Academia de Belas Artes, apesar das enormes dificuldades enfrentadas, é aberta em um edifício de granito, o qual pode ser considerado como a mais bela jóia do Rio de Janeiro.

Na Academia, Debret ensinava para doze alunos, que freqüentavam seus cursos por um período de quatro anos. Aos que não possuíam dinheiro, Debret oferecia pincéis, tintas e telas, dando-lhes todo o seu apoio. No geral, encontravam em Debret um coração cheio de amor pela humanidade e também pelos brasileiros.

Debret realizou no Rio de Janeiro três exposições, colocando em amostra as obras de seus alunos: a primeira não teve muita atenção do público; a segunda contou com a participação de mais de duas mil pessoas, e os jornais começaram a destacar seu interesse pelos trabalhos de seus alunos; já a terceira, que durou oito dias, foi impressionante, os visitantes compareceram em grande quantidade, as salas se mostraram pequenas pelo número de pessoas. A partir desse momento, o público começou a manifestar uma maior admiração por obras de diversos estilos, e a história nacional foi traduzida em poesia muda pelos alunos do Sr. Debret.

Na verdade, pode-se dizer que as belas artes encontraram no Brasil um solo criador, sendo considerada a Escola Brasileira de Belas Artes filha legítima da Escola de Paris, pois era dela que eram importadas muitas das técnicas ensinadas. Debret deixa o Brasil após a abdicação de D. Pedro I, nos deixando como legado o seu entusiasmo pela literatura, pelas ciências e as artes em geral, e também o seu entusiasmo em ensinar seus alunos. Sua influência repercutiu nas cidades, fazendo com que as câmaras aumentassem o número de escolas e academias, e os salários dos professores também melhorassem.

7.3 Cultura francesa no Brasil e obras de Vauthier

A afirmação da cultura no Brasil e a influência da técnica francesa se deu com a chegada de D. João VI, com a vinda de artistas, engenheiros, mestres, comerciantes, parteiras, cozinheiros e de políticos ilustres. A língua francesa e a própria influência do livro francês contribuíram para difundir a cultura francesa no Brasil.

Segundo o seu diário, Vauthier avistou Pernambuco pela primeira vez na manhã de 8 de setembro de 1840. Ele amou a terra estranha desde o primeiro olhar, pois, já do mar, ele se sentiu encantado pelo Recife. Vauthier foi um dos raros estrangeiros a sentir e a compreender a beleza do Recife, na época considerada uma cidade magra, sem relevo, incompleta e angulosa. Louis Léger Vauthier era um engenheiro e foi contratado

pela presidência da Província de Pernambuco para dirigir as obras públicas, a partir da primeira metade do século XIX.

A atração dos brasileiros pelas técnicas e pelos produtos industriais franceses, as suas modas, livros e artes conseguiu ser mais forte do que as forças que se opunham ao movimento, como a Revolta Praieira influenciada pela explosão do nativismo e o ressentimento brasileiro contra a expansão do comércio francês, vencendo assim as resistências, competições e oposições e mantendo-se por longos anos superior a qualquer cultura européia.

A cultura francesa estava ligada de uma maneira particular, a vários aspectos, não apenas públicos e urbanos, mas também íntimos e rurais. Na região mais influenciada por Vauthier e por seus companheiros, o prestígio francês durou um enorme tempo. Os franceses até mesmo em obras de saneamento se anteciparam aos ingleses, tendo até um francês o nome ligado ao primeiro tipo moderno de aparelho sanitário do Recife.

7.3.1 Técnica revolucionária

Vauthier foi aluno da Escola Politécnica da França, em que o ingresso era tremendamente difícil. Concluiu aquela escola um ano antes de seus colegas para dirigir as obras marítimas do Departamento de Marbian, onde era ele quem fazia a “inspeção imediata”, e também para ocupar-se de importantes projetos e outras obras avaliadas em mais de um milhão de francos, que foram projetadas por ele ao governo francês.

Com relação aos quatro engenheiros trazidos por Vauthier, sabe-se que três deles serviram com ele nas obras de Marbian; o outro estava empregado em algumas obras em Paris, quando foi convidado para vir ao Brasil.

Em 15 de dezembro de 1841, Vauthier envia ao Barão da Boa Vista, que era presidente da Província do Recife um longo relatório, em que cabia ao governo: 1º dirigir as obras do Teatro Nacional; 2º levantar a planta da cidade do Recife e apresentar um projeto completo de novos alinhamentos; 3º dirigir a execução da Ponte Santo Amaro; 4º continuar as obras de estabelecimento, no Convento do Carmo, do Liceu Nacional da Província; 5º estudar os projetos da estrada que ligava Apipucos, nos subúrbio do Recife, até o “Rio da Prata”; 6º estudar planos de conserto da ponte do Recife, do cais do Colégio e também da estrada com o nome de Luiz do Rego na vizinhança da parte de Santo Amaro.

O teatro começa a ser construído em abril, pedras para a construção são importadas de Portugal; quanto às madeiras usadas não se tinham problemas já que havia abundância desse artigo no Brasil. A decoração interior era feita por meio da encomenda de um hábil pintor de cenário e de um maquinista perito da Europa. Da planta da cidade do Recife já havia sido remetida à Secretaria do Governo uma cópia do bairro do Recife, a ponte de Santo Amaro já havia sido aberta ao trânsito em abril, as obras no Convento do Carmo para a instalação das aulas do Liceu já haviam sido acabadas e o projeto da estrada de Apipucos já havia sido estudado e seria apresentado ao presidente em quinze dias.

Isso mostrava, já no primeiro ano de contrato dos novos engenheiros franceses, que eram homens ativos e técnicos competentes e que, ainda, o jovem engenheiro-chefe era um realizador. Suas obras ficavam sempre rapidamente prontas, mostrando que sua técnica revolucionária era eficiente.

No seu primeiro relatório anual, Vauthier afirma ser necessário para a prosperidade do País a criação de meios gerais de comunicação para o interior, sugere também a formação

de uma escola especial teórica e prática de engenheiros civis na Província de Pernambuco.³²

Vauthier volta para a França em 1846, deixando as obras do Teatro Santa Isabel inacabadas, mas continua controlando-as de longe por correspondência.

8 CONFLITOS TERRITORIAIS

8.1 Ocupação francesa no Amapá

Com um pretexto fornecido pelas agitações da Cabanagem, no Pará, e com a grande instabilidade política na região, Luís Filipe declara, em 1835, o estabelecimento de um posto militar à margem direita do Oiapoque, isto é, em terras brasileiras, e em 1836 os franceses criam mais um posto militar agora às margens do Lago Amapá.

Antônio Peregrino Maciel Monteiro, o ministro dos Negócios Estrangeiros, recorreu à intervenção inglesa para a retirada desses postos.

A fim de evitar a colonização francesa, foi mandado ao Brasil o Comandante Harris, para que verificasse o ocorrido na costa do Amapá. Segundo o relatório levantado pelo comandante, os franceses construíram uma fortificação em terras brasileiras. Houve uma forte repercussão do caso no Brasil, como nos mostra o jornal *A Liga Americana*³³, que abriu campanha contra a invasão francesa, recomendando aos brasileiros o boicote dos comerciantes franceses enquanto esses não saíssem de nosso território. Após a retirada das tropas francesas, o governo imperial criou uma colônia militar à margem esquerda do Rio Araguaari, denominada D. Pedro II, para garantir os direitos do Brasil na região.

8.2 Tentativas de fixação de fronteiras

Embora os franceses tivessem saído de região do Amapá sem imposição alguma, convinha ao governo brasileiro, por meio de uma troca de notas, neutralizar a região contestada. Em 1842, foram retomadas as negociações relativas às fronteiras com a Guiana Francesa, pelo representante brasileiro em Paris. Apenas em 1853, o governo de Napoleão III propõe reatar as interrompidas negociações com o Brasil. Estando de acordo com o governo francês, o Brasil nomeou seu embaixador o Senador Visconde do Uruguai, que fora titular de Negócios Estrangeiros no País. Chegando a Paris, ele entra em contato com o embaixador francês Barão His de Butenval, mas a França continuava insistindo que a fronteira era o Rio Araguaia. O representante brasileiro nada quis ceder e suspendeu as negociações.

Até o penúltimo ano da Monarquia brasileira, os dois países ainda se interessavam no reconhecimento e na exploração das terras do Amapá.

9 ENTRELAÇAMENTO DAS CULTURAS

A influência cultural francesa no Brasil teve origem no século XVI pelas expedições francesas, militares e científicas. Essa influência cresceu na Província da

³² Relatório apresentado ao presidente da Província, encontrado no Arquivo Público do Estado de Pernambuco.

³³ *A Liga Americana*, 1839/40, redigido por Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, depois Visconde de Sepetiba, e Manuel Odorico Mendes.

Corte e no Nordeste, logo após a vinda da família real ao Brasil.

Até então, o Brasil não havia tido a preocupação com a formação de uma cultura nacional. Somente a partir do Segundo Reinado, graças ao interesse de D. Pedro II pelos assuntos culturais no campo das letras e das ciências e graças ao desejo do imperador de desenvolver a educação e a cultura do povo, por meio de suas viagens e dos contatos com importantes figuras representativas e com instituições francesas, é que o País começa a formar a sua cultura, com influências basicamente francesas.

O intercâmbio cultural entre os dois países sempre se manteve desde a época do Brasil Colônia e com a pessoa de D. Pedro II como imperador atingiu um dos seus pontos mais altos. Nenhum brasileiro superaria D. Pedro II no seu interesse e na sua vocação pela cultura francesa, tanto como governante quanto como nos seus conhecimentos pessoais, o que fazia com que os grandes espíritos da época tivessem uma grande admiração pela sua pessoa.

No começo da educação nacional, o imperador investiu com notável impulso, criando vários estabelecimentos de ensino. O francês passou a ser a segunda língua falada no Brasil, em função do grande número de professores franceses, além da grande variedade de livros vindos da França, nas livrarias de São Paulo e do Rio de Janeiro. Foram os livros franceses o veículo mais importante de aprendizagem da geração brasileira, sem mencionar os exemplares colégios franceses, em que estudavam as moças da sociedade brasileira nas grandes capitais do País. Na nossa literatura, além de Victor Hugo, podemos citar Napoleão que influenciou permanentemente Castro Alves. Este foi o grande cantor de Napoleão e se tornou tão grande como Victor Hugo e Byron. Toda a escola romântica brasileira foi baseada nos princípios e no espírito do Romantismo europeu. Assim nossos românticos não se esqueceriam de Napoleão, que era o eixo de numerosas produções dos românticos.

A França foi a grande fonte de inspiração dos valores culturais brasileiros. Portanto teria que vir da França a idéia da Academia Brasileira. Machado de Assis, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, adotou as linhas básicas e de tradição da Casa Richelieu. Podemos notar essa influência pelo mesmo número de cadeiras, mesmo sistema de eleições, pelos chás servidos antes das sessões e pelo fato de os convidados visitarem os eleitores antes das eleições.

A influência francesa foi muito significativa não apenas na capital, o Rio de Janeiro, mas também em Pernambuco e na Bahia.

Podemos constatar grande número de franceses professores de francês, o que demonstra claramente o grande interesse existente no Brasil pelo estudo dessa língua, e também de boticários, droguistas, importadores de remédios, padeiros, modistas, alfaiates, cabeleireiros, retratistas, atores e outros em menor escala. Prova disso é o que escreve o Sr. Otávio Tarquínio de Sousa sobre as influências francesas na sociedade brasileira da época: “(...) alfaiates, chapeleiros, tintureiros, cabeleireiros, jardineiros franceses, juntamente com architectos, pintores e gravadores também franceses, entraram a influir consideravelmente com a sua technica, com o gôsto, com os artigos que importavam ou confeccionavam, sobre a vida da cidade³⁴, sobre a sua feição e seus costumes.”³⁵

³⁴ A cidade a que Tarquínio de Sousa se refere é o Rio de Janeiro.

³⁵ SOUSA, 1939, p. 48-50.

No período começaram a surgir no País os retratistas e, com o avanço da técnica fotográfica, começaram a surgir retratos de família. Sem dúvida, na técnica de retrato o especialista francês pôde se notabilizar no Brasil.

Uma grande influência francesa, e talvez a mais saliente de todas; foi a da moda feminina. Assim surgiu, no Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor, uma rua de modas francesas, e no Recife, a Rua Nova, onde se situavam as casas mais elegantes. Joaquim Manuel de Macedo, o grande precursor do romance brasileiro e o mais lido de nossos autores do século XIX, descreve em seu livro *Memórias da Rua do Ouvidor* como, no espaço de um ou dois anos, as francesas modistas ocuparam a rua mais importante da cidade do Rio de Janeiro. Segundo o autor, foi de repente que a Rua do Ouvidor se tornou uma rua francesa. As francesas invasoras prosperaram e ganharam uma situação que lhes permitia conquistar a cidade. A colônia francesa foi ganhando importância, assim como os artistas, os homens de ciências, de letras e os comerciantes franceses e da moda francesa, não apenas no Rio de Janeiro, mas também no Brasil.

10 CONCLUSÃO

Se não fosse a França, a história do Brasil, com certeza, seria contada de uma outra maneira, e graças a isso o Brasil teve um rápido e intenso desenvolvimento cultural.

A independência do Brasil se deu com a chegada da família real portuguesa em sua colônia, que ocorreu por causa da invasão napoleônica em Portugal.

Com a independência temos o Primeiro Reinado, quando o Brasil passou a receber de maneira mais decisiva as marcas da cultura francesa. D. Pedro I abdica em favor de seu filho e parte para a França, começando assim o agitado período de regências, pois o príncipe ainda não tinha idade para governar.

D. Pedro II tinha enorme interesse pela cultura francesa e conviveu com grandes figuras como Lamartine, Victor Hugo e muitos outros.

O imperador importou inúmeros professores franceses para aprimorar o ensino brasileiro, e o francês passou a ser a segunda língua mais falada no Brasil.

O espírito republicano começou a despontar conduzido pelas elites encantadas com o republicanismo francês. Assim foi proclamada a República, dando início a uma nova fase política brasileira.

Interessa-nos também o destaque não apenas aos franceses que estavam ligados diretamente ao Brasil como Vaulthier e Debret, como também as celebridades que indiretamente influenciaram não apenas nas artes e ciência dos brasileiros, mas ainda no modo de pensar do povo brasileiro, como Victor Hugo e Napoleão.

Por fim, pode se dizer que nossa cultura e nossa sociedade são em grande parte frutos do pensamento francês.

BIBLIOGRAFIA

BESOUCHET, Lúcia. *Pedro II e o século XIX*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1993.

- CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. Brasília : J. Olímpio, Coleção Documentos Brasileiros n. 165 A, B, C e D, 1975.
- . *A vida de D. Pedro II – o rei filósofo*. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1975.
- CALÓGERAS, Pandiá. *A política exterior do império*. São Paulo : Nacional, Série Brasileira, 1933, v. 15.
- CARDOSO, Ciro Filamarion S. *Economia e sociedade em áreas coloniais periféricas : Guiana Francesa e Pará (1750-1817)*. Rio de Janeiro : Graal, 1984.
- CARVALHO, Delgado de. *História diplomática do Brasil*. São Paulo : Nacional, 1959.
- CERVO, Amado Luiz. *O parlamento brasileiro e as relações exteriores (1826 -1889)*. Brasília : UnB, Coleção Temas Brasileiros, 1981.
- COSTA, Emília Viotti da. *Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil*.
- COTRIM, Gilberto. *História e consciência do Brasil*. São Paulo : Saraiva, 1996.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo : EDUSP, 1989.
- DEVESA, Guilherme. *Um percursor do comércio francês no Brasil*. São Paulo : Nacional, Série Brasileira, v. 362, 1976.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo : EDUSP, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro : José Olympio, Coleção Documentos Brasileiros, 1940.
- FROTA, Guilherme de Andréa. *Panorama da história do Brasil*. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 1992.
- GRIECO, Donatello. *Napoleão e o Brasil*. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1881.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo : Círculo do Livro, 1987.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil imperial*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1984.
- MONTEIRO, Tobias. *História do império: a elaboração da independência*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1981.

- MORAES, Alexandre José de Mello. *História do Brasil-reino e do Brasil-império*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1982.
- NORTON, Luíz. *A corte de Portugal no Brasil: notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina*. São Paulo : Nacional, 1979.
- NOVAES, Fernando A. *História da vida privada do Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras.
- PEREIRA, Antônio Baptista. *Figuras do império e outros ensaios*. São Paulo : Nacional, Série Brasileira, 1934.
- PEREIRA, Nilo. *D. Pedro II*. Recife : UFPE, 1976.
- PONGE, Robert Appel. *Caminhos para a liberdade: a revolução francesa e a inconfidência mineira – as letras e as artes*. Porto Alegre : UFRGS, 1991.
- RAIOL, Domingos Antônio. *Motins políticos ou históricos dos principais acontecimentos políticos da província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Rio de Janeiro : UFRJ, Coleção Amazônica, 1970.
- RANGEL, Alberto. *Textos e pretextos*. Tours, França : Arrault e Cia, 1926.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Panorama do segundo império*. Rio de Janeiro : Graphia, 1998.
- SOUSA, Otavio Tarquinio de. *Evaristo da Veiga*. Rio de Janeiro, 1939
- TAVARES, A. de Lyra. *Brasil-França ao longo de 5 séculos*. Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1979, v. 4.